

XIII CONFERENCIA INTERNACIONAL Antropología 2016



22 al 25 de noviembre de 2016
Instituto Cubano de Antropología

filosofi@.cu
EDITORIAL



Para ejecutar el programa
hacer click en main.exe
en el DVD, o en el
directorio previamente
copiado.

**Requerimientos
técnicos:**

Procesador PENTIUM IV o
superior, QuickTime.

Tarjeta gráfica SVGA con
32MB de Ram, 800x600x16



INTERNACIONAL
VCOLOQUIO
DE ARQUEOLOGÍA

CONSEJO CIENTÍFICO:

Dr. Cs. Pedro Pablo Godo Torres
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Ulises González Herrera
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Raúl Villavicencio Finalé
(Escuela de Superación del Turismo)

MSc. Lázara Yolanda Carrazana Fuentes.
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Pablo Rodríguez Ruiz.
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dmitri Prieto Sansonov.
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dany Morales Valdés.
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Racso Fernández Ortega
(Instituto Cubano de Antropología y Grupo Cubano de Investigaciones de Arte Rupestre)

COMITÉ ORGANIZADOR:

Presidente: Lic. Estrella González Noriega

Vicepresidente: Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz

Secretaria: Isis Fernández Artiles

Miembros: MSc. Pablo Rodríguez Ruiz

Lic. Guillermo Baena González

Téc. Ailyn Martínez Rego



EXEMPLOS DE REABILITAÇÃO DE MONUMENTOS MEGALÍTICOS NO NORTE DO ALENTEJO – PORTUGAL

Jorge de Oliveira

joli@uevora.pt

CHAIA/UÉ [2016] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UÉ 2014]
- [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT
/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

Palavras chave: Reabilitação, Dólmen, Menhir, Alentejo, Portugal

Resumo:

Nesta comunicação serão apresentados exemplos de reabilitação de monumentos megalíticos decorrente de mais de 30 anos de investigações arqueológicas efetuadas no norte do Alentejo (Portugal). Sendo as estruturas megalíticas as mais antigas edificações arquitetónicas monumentais da humanidade as patologias que apresentam são múltiplas e muito diversas entre si. Por norma, a recuperação destas estruturas têm que ser antecedidas de intervenções de carácter arqueológico que permitam identificar e reconhecer as melhores soluções para a sua preservação. Assim, nesta comunicação serão apresentados os resultados dos trabalhos efetuados em diferentes dólmenes e menhires, com cronologias que variam entre o 6º e o 3º milénios a. C..

Keywords: Rehabilitation, Dolmen, Menhir, Alentejo, Portugal

Abstract:

This communication will be presented rehabilitation examples of megalithic monuments resulting from over 30 years of archaeological investigations carried out in northern Alentejo (Portugal). Being the oldest megalithic structures monumental architectural buildings of humanity pathologies that present are multiple and very different from each other. Typically, the recoveries of these structures have to be preceded by an archaeological nature of action to identify and recognize the best solutions for their preservation. Thus, this communication will present the results of the work carried out in different dolmens and menhirs, with timelines ranging from the 6th and 3th millenniums before Christ.

Nota prévia:

Nesta comunicação pretendemos, de uma forma resumida, apresentar alguns dos trabalhos de recuperação de monumentos megalíticos que desenvolvemos ao longo de mais de 30 anos no Sul de Portugal, mais propriamente no Alto Alentejo. Foi sempre nossa preocupação ao longo dos vários projetos de investigação que desenvolvemos sobre megalitismo recolher o maior número de informações afetando o menos possível as estruturas dos monumentos. Porque temos e desde sempre tivemos perfeita consciência que uma escavação arqueológica, por mais minuciosa que seja, resulta sempre numa destruição patrimonial procurámos minimizar os efeitos dessas ações evitando afetar diretamente as estruturas e,



sempre que possível, desenvolvendo ações de consolidação, colagem e / ou remontagem dos monólitos seus constituintes.

Foi também nossa preocupação constante e sempre que o monumento o possibilitava manter reservas arqueológicas suficientemente amplas para posteriores trabalhos de revisão estratigráfica. Estas reservas claramente evidenciadas nas plantas gerais de cada monumento estudado incidiram especialmente nas áreas das mamoadas. Nalguns casos evitaram-se reservas no interior dos monumentos por forma a não truncar a compreensão da utilização geral do espaço funerário. Contudo, por vários motivos, alguns monumentos sujeitos a escavação não sofreram qualquer decapagem na área da câmara.

As grandes dimensões de alguns monumentos e a sua precária estabilidade também nos obrigaram, em diversas situações, a evitar a escavação de significativas áreas das mamoadas e alvéolos, provavelmente de grande importância científica. A continuada ação dos trabalhos agrícolas em torno da maior parte dos monumentos provocou a quase total e generalizada destruição das estruturas pétreas que os envolviam. A maior parte dos esteios destes monumentos apenas se encontram estabilizados pelos calços que nos alvéolos os consolidam. A atual ausência das couraças líticas, fundamentais ao equilíbrio de forças que os esteios e as coberturas entre si exercem, criou um estado de equilíbrio precário que a menor movimentação de solos nas suas imediações pode provocar a sua total derrocada. Foi esta uma das significativas condicionantes dos trabalhos de escavação e sondagem desenvolvidos.

Nos mais de trinta monumentos por nós intervencionados alguns foram-no exatamente como forma de minimizar ações de destruição perpetradas por atividades agrícolas, florestais ou mesmo de vandalismo. Os trabalhos então por nós realizados nalguns casos limitaram-se ao registo gráfico e fotográfico e recolha de espólios tal era o estado de destruição em que encontrámos os monumentos. Também nesta comunicação apresentamos os resultados dos trabalhos de reabilitação de alguns menhires que desenvolvemos na mesma região.

Metodologia genérica adotada na escavação e reabilitação de dólmenes

Os trabalhos de escavação e sondagem que efetuámos nos monumentos que são abordados neste estudo desenvolveram-se entre 1981 e 2016. Ao longo destes trinta e cinco anos a metodologia e a técnica de escavação não foram constantes, evoluindo, quer em termos de rigor, quer em termos de estratégia de abordagem. Se esta natural evolução não possibilita o isolamento de um único modelo de trabalho, a variabilidade dos monumentos obrigou a soluções também distintas. Contudo, em todas as ações que envolveram movimentação de solos procedemos, antes de qualquer decapagem, a um levantamento fotográfico pormenorizado. Paralelamente efetuámos o levantamento topográfico do monumento e área envolvente. Concluído este primeiro levantamento procedia-se à limpeza por raspagem de toda a área a intervencionar por forma a retirar o coberto vegetal sem se alterar significativamente o relevo do terreno.

Limpa a área da escavação estabeleceram-se dois eixos ortogonais orientados nos sentidos Norte - Sul e Oeste - Este, magnéticos, procurando-se, sempre que possível, que a sua interceção coincidissem com uma zona da área funcional do monumento procurando-se, assim, sempre que possível, que um dos eixos, o dos xx, seccionasse longitudinalmente todo o monumento. Esta situação ocorreu sempre que os corredores ou aberturas se orientavam, ou pouco se desviavam, dos 100 graus, Este.

A partir destes dois eixos ortogonais estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado que cobria todo o monumento e espaço envolvente, por forma a ultrapassar sempre a área provável da mamoad. Esta rede de quadrículas servia para a localização planimétrica (latitude e longitude) dos registos que houvesse necessidade de fazer ao longo da escavação.



É lugar comum que uma escavação arqueológica é sempre uma destruição. Inúmeras vezes se comparou a decapagem estratigráfica efetuada durante uma escavação à destruição irremediável das folhas de um livro, à medida que se avançava na sua leitura.

Nos últimos anos, de forma mais ou menos clara, todos os arqueólogos mostraram reconhecer a importância do pormenorizado registo arqueológico e da reserva de testemunhos para, de algum modo, se obviar a uma irremediável destruição do *livro arqueológico*. O registo gráfico e fotográfico em diferentes suportes das projeções horizontais, por estratos e dos seus cortes em conjunto, a par da elaboração de um relatório pormenorizado das ações desenvolvidas, parecem ser as soluções mais generalizadas para a possível releitura das *páginas destruídas*. Por circunstâncias várias apercebemo-nos que é na segunda, ou posteriores leituras que o sítio escavado é melhor compreendido. Muitas vezes, por situações diversas e pressões múltiplas a leitura efetuada no campo carece do tempo de reflexão necessário sendo, quando ainda possível, completado já sobre a mesa do laboratório e sem possibilidade de confirmação.

Aponte-se o arqueólogo como um dos principais responsáveis pela destruição da informação arqueológica original, mas recorde-se que para proteger é necessário estudar e compreender e para isso, a maioria das vezes, é necessário escavar. Diz-nos a experiência que mais de oitenta por cento do tempo despendido no campo com a escavação de um monumento megalítico é ocupado no registo e recuperação do monumento. Torna-se claro, naturalmente, que serão os investigadores os que melhor poderão delinear a recuperação destes, ou de outros monumentos, porque são os únicos que, em pormenor, puderam durante a escavação identificar a técnica e os materiais utilizados pelos construtores originais.

Numa visão geral do estado de conservação do património megalítico da região que há várias décadas estudamos, verificamos que muitos monumentos apresentam vestígios de corte de pedra nos seus esteios e coberturas. Outros fatores contribuíram também para a destruição destes monumentos. De entre eles destacamos as violações e os sismos. Nos nossos dias com a mecanização da agricultura, maiores são ainda os estragos nos monumentos arqueológicos em geral e nos megalíticos em particular.

Se a escavação no interior dos monumentos funerários pode provocar irreparáveis problemas na sua estabilidade devido à extração dos enchimentos, tão ou mais perigosas parecem ser as profundas lavouras que, destruindo as mamoadas, anulam o contrapeso sobre a base dos esteios. As subsolagens para preparação dos terrenos destinados à plantação de eucaliptos e oliveiras e o estabelecimento de pivots de rega automática parecem ser hoje a principal causa da destruição do património em geral e do megalítico em particular.

Ao longo dos nossos trabalhos de investigação várias foram as situações diagnosticadas que levaram a diferentes estratégias. Sumariamente passaremos a descrever alguns aspetos das ações de recuperação efetuadas.

Dólmen dos Pombais - Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

A Dólmen dos Pombais apresentava-se com quatro esteios da câmara tombados para o interior e os restantes muito fraturados nos topos. O chapéu, único elemento em granito, descansava sobre os esteios tombados. Todo o seu perímetro tinha sido alvo de cortes para extração de pedra. No corredor apenas os esteios da face sul se encontravam praticamente intactos. Com a escavação efetuada na mamoadas confirmou-se que esta se encontrava completamente destruída na metade norte.

Recuperação do monumento:



Para a realização da escavação no interior do monumento houve necessidade de se proceder à remoção da cobertura da câmara e ao levantamento dos esteios tombados. Aquando da queda destes, parte da mamoa que lhe servia de contrapeso foi deslocada e arrastada.

Após a escavação reimplantaram-se nos respetivos alvéolos os esteios tombados. Embora se tivesse procedido à remontagem da mamoa onde se apresentava destruída, lado sul, esta já não possuía altura suficiente para possibilitar a estabilidade dos esteios agora reimplantados. Assim, fomos obrigados a construir uma estrutura de pedra seca no interior do monumento à qual se encostaram estes esteios. A actual diferença de alturas dos monólitos e a truncagem no perímetro do chapéu inviabilizaram a sua reposição sobre a câmara, ficando tombado sobre a mamoa. Toda a área escavada foi recoberta com a terra crivada.

Dólmen da Bola da Cera – Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

Na câmara vários fragmentos de esteios e do chapéu impossibilitavam o acesso ao seu interior. No corredor eram visíveis dois esteios, encontrando-se um deles muito inclinado para o interior.

Recuperação do monumento:

Após a escavação e à semelhança do que efetuámos na Dólmen dos Pombais procedeu-se à montagem de um muro de pedra no interior da câmara para apoio dos esteios. Os seus fragmentos e os da cobertura que haviam sido retirados do interior da câmara voltaram ao mesmo local. O esteio do corredor que se encontrava muito inclinado foi repostado na posição original e calçado com blocos de granito. Para evitar que eventualmente voltasse a ser deslocado construiu-se, em pedra seca, um pequeno muro transversal que internamente apoiava os dois esteios do corredor. Toda a área escavada foi posteriormente coberta com terra crivada.

Dólmen da Nave do Padre-santo - Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

Todos os investigadores que anteriormente já haviam noticiado este monumento foram unânimes ao considerá-la como a de maiores dimensões da freguesia de Montalvão. Tal como mais de duas dezenas de sepulturas megalíticas desta freguesia, também esta foi afetada pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos. Dos esteios de xisto que formavam este sepulcro apenas um fragmento do de cabeceira se encontrava ainda implantado no alvéolo. Os restantes, muito fraturados foram dispersos por uma grande área. A mamoa foi totalmente destruída.

Recuperação do monumento:

A recuperação possível deste monumento limitou-se à definição da sua planta através dos alvéolos e à recolha do espólio que ainda se mantinha na área decapada. Foi impossível proceder à reimplantação de qualquer esteio devido ao estado de destruição geral do monumento. Por forma a evidenciar o local na actual paisagem povoada de eucaliptos procedeu-se à concentração possível dos fragmentos de esteios junto ao de cabeceira e cobriu-se toda a área com gravilha de calibre médio.

Dólmen do Porto Aivado - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

Um amontoado de blocos de granito é a imagem que se guarda deste monumento antes da escavação. Nenhum dos fragmentos de esteios que afloravam à superfície da terra se encontrava implantado em



alvéolos. Na escavação efetuada identificaram-se dois pequenos fragmentos de esteios ainda integrados nas fossas de fixação e um outro que atendendo à profundidade a que se encontrava pareceu-nos poder considerá-lo também *in situ*. Devido às várias e profundas violações que este monumento sofreu ao longo dos tempos, não foi possível identificar mais alvéolos.

Recuperação do monumento:

O estado de destruição em que se encontrava este monumento e a ausência de negativos claramente identificados inviabilizaram a sua recuperação arquitetónica. Após a escavação deste dólmen procedemos unicamente à cobertura com terra crivada de toda a área afetada.

Dólmen I dos Coureiros - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

De entre os quatro monumentos que formam a provável necrópole dos Coureiros o dólmen I parece ter sido o de menores dimensões. Apenas três esteios da câmara eram visíveis, dois dos quais fraturados junto ao solo.

Recuperação do monumento:

A escavação possibilitou reconstituir a planta total do monumento através da identificação dos alvéolos dos esteios já desaparecidos. Pouco se podia fazer por este monumento. Após a escavação procedeu-se à cobertura com terra crivada de toda a área afetada. Como a principal causa da destruição deste dólmen foram os trabalhos agrícolas que nada deixaram da mamoa, procedeu-se à vedação de todo o monumento com postes de madeira tratada unidos por arames de ferro zincado.

Dólmen II dos Coureiros - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

O estado de destruição e adaptação a pocilga deste dólmen é já testemunhado desde o século XIX. Em torno da câmara uma cerca de pedra definia a esplanada de uma pocilga. A câmara servia de abrigo aos animais. No espaço funerário apenas o esteio de cabeceira parece não ter sido afetado. O chapéu encontra-se tombado e fraturado no interior do monumento. Do corredor não eram visíveis sinais.

Recuperação do monumento:

Neste monumento apenas escavámos na área onde provavelmente se localizava o corredor e abrimos uma curta sondagem na área da mamoa, conseguimos, contudo, reconhecer toda a planta do corredor e compreender, em parte, a estrutura arquitetónica da mamoa. No corredor identificaram-se os alvéolos de fixação dos esteios e procedeu-se à reimplantação num deles de um grande bloco de granito que jazia a quatro metros a sul do monumento. Pelas dimensões verificou-se que correspondia a um dos alvéolos detetados. Na reimplantação deste monólito de grande peso (8560 Kg) utilizámos uma máquina cedida pela Câmara Municipal de Castelo de Vide. O esteio foi implantado e consolidado de forma idêntica ao do dólmen III. Após a escavação toda a área afetada foi coberta com terra crivada.

Dólmen III dos Coureiros - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

Implantada numa zona de terrenos leves e muito trabalhados agricolamente, este dólmen sofreu os efeitos da lavoura mecanizada. Para além da destruição, nos últimos anos, de grande parte da mamoa e da metade norte do corredor, este sepulcro foi também alvo de profundas violações no interior da câmara que terão originado a fratura de um esteio e a queda de outro.



Recuperação do monumento:

Para além da remontagem de sectores significativos da mamoa e da sua posterior cobertura com terra crivada, procedeu-se à reimplantação no alvéolo original do esteio tombado. Esta operação foi realizada com o recurso à introdução de calços líticos em ambas as faces compactados com saibro humedecido. Toda a área intervencionada foi posteriormente coberta com terra crivada. A violação detetada e que penetrou cerca de sessenta centímetros no solão foi preenchida com blocos de granito para consolidação do interior do monumento.

Concluída a consolidação da estrutura funerária procedeu-se à vedação do monumento com a utilização de postes de madeira tratada unidos por arames de ferro zincado. A área protegida das lavouras inclui todos os vestígios de mamoa detetados durante a escavação.

Dólmen IV dos Coureiros - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

Nos finais do século XVI foi anexada ao monumento megalítico uma pequena casa de habitação, hoje transformada em palheiro. A câmara e corredor do monumento foram transformados numa pocilga. A câmara muito destruída apresenta os esteios fraturados e deslocados. Fragmentos da cobertura da câmara encontram-se tombados junto aos esteios.

Recuperação do monumento:

O trabalho desenvolvido neste monumento tendo em vista a sua recuperação centrou-se na desmontagem da parede da pocilga que limitava o monumento a nascente e ao rebaixamento geral das outras paredes, por forma a que se evidenciasse todo o monumento. A escavação efetuada na área do corredor possibilitou a recuperação da sua planta, ao mesmo tempo que se processou a desmontagem de uma já parcialmente destruída calçada, destinada a nivelar a pocilga e que cobria quase totalmente os esteios do corredor. A câmara transformada em abrigo para os animais tinha sido fechada com uma parede de pedra seca. Para libertar o monumento destes elementos descaracterizadores procedeu-se à desmontagem parcial dos muros recentes. A pedra retirada foi utilizada para calçar interiormente os esteios. Posteriormente toda a área escavada foi preenchida com terra crivada.

Dólmen da Figueira Branca - Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

Durante a escavação deste grande monumento percebemos que toda a estrutura arquitetónica tinha sido muito afetada por um violento sismo que provocou a fratura da maioria dos esteios mesmo junto à base antes do monumento ter sido utilizado. Assim a câmara e o corredor apresentavam-se totalmente vazios mas cobertos pelos esteios fraturados. O chapéu encontrava-se tombado e, igualmente fraturado junto à câmara funerária.

Recuperação do monumento:

O trabalho de recuperação ficou limitado à justaposição dos cinco fragmentos em que se encontra fraturado o chapéu e à construção de um muro de pedra seca no interior do monumento para consolidação dos esteios. Os alvéolos de fixação dos desaparecidos esteios do corredor foram preenchidos com pedra miúda e posteriormente cobertos com terra crivada. A principal e mais morosa ação de recuperação incidiu sobre a mamoa. Colmataram-se as falhas no revestimento lítico com pedra de calibre idêntico ao das que ainda se conservavam *in situ*. O anel composto por pedras de maiores dimensões que delimitava o



perímetro geral da mamoa foi reconstituído nos locais mais afetados. Posteriormente toda a área do monumento foi coberta com uma camada de terra com cerca de cinco centímetros para consolidação geral.

Dólmen da Cabeçuda - Marvão

Estado do monumento antes da intervenção:

A Dólmen da Cabeçuda incluía-se num muro de divisão de propriedade. Dos esteios da câmara apenas dois não se encontravam fraturados e tombados. A cobertura esmagava todo o conjunto. O corredor apresentava quatro esteios e uma tampa. A pedra de guilhotina ainda fecha o vão que se forma sobre as tampas do corredor e o chapéu.

Recuperação do monumento:

A escavação deste monumento possibilitou reconhecer que os esteios da câmara se encontravam fraturados junto à base, tal como já se havia verificado no dólmen da Figueira Branca que se situa a poucas centenas de metros deste monumento. Ambos sofreram os efeitos de um terramoto, responsável pelo estado de derrocada em que se encontram.

Para o desenvolvimento da escavação foi necessário proceder à prévia desmontagem da parede que sobre a Dólmen se levantava. Com o auxílio de uma máquina removeu-se o chapéu e três dos esteios tombados. Aberto o acesso ao interior da câmara iniciou-se a decapagem controlada do depósito arqueológico. Os restantes esteios que se mantiveram no local foram primeiramente apoiados por postes de madeira e posteriormente por muros de pedra seca. Concluída a escavação procedeu-se à remontagem do monumento colocando-se na posição original os esteios fraturados. Foi necessário fazer assentar sobre as partes ainda inseridas nos alvéolos os fragmentos tombados. Ao fim de quatro dias de trabalho de máquina e do esforço de cinco homens conseguiram-se reerguer três esteios. Internamente apoiaram-se em muretes de pedra seca. Recuperada a posição original dos esteios ainda foi tentada a sobreposição do chapéu. Contudo, porque a estabilidade de todo o conjunto é precária e porque já nem todos os esteios apresentam as mesmas dimensões, optou-se por deixar o chapéu encostado na face poente da câmara. Refeita a mamoa em torno dos esteios cobriu-se toda a área intervencionada com terra crivada. Faltava, finalmente, refazer o muro de divisão de propriedade que anteriormente assentava sobre o dólmen. Para evitar que novamente seccionasse o monumento acordou-se com os proprietários dos terrenos proceder à construção de uma parede de pedra seca que envolvesse todo o monumento, incluindo a mamoa. Conseguiu-se, assim, evitar a construção de um muro sobre o monumento e ao mesmo tempo separavam-se as duas propriedades e defendia-se o dólmen dos efeitos dos trabalhos agrícolas. Construiu-se, assim, uma cerca de forma circular que envolve todo o monumento. Duas aberturas viradas respetivamente a norte e a sul possibilitam o acesso ao dólmen da Cabeçuda.

Dólmen da Fonte da Pipa - Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

Tal como a dólmen da Nave do Padre-santo também esta foi afetada pela florestação com eucaliptos. Do monumento após a sua destruição nada mais restava à superfície do que alguns fragmentos de esteios tombados e dois blocos de xisto que ainda pareciam conservar-se no local original. Da mamoa nada restava. Valas profundas tinham sido abertas, quer na mamoa, quer no espaço interno do monumento.

Recuperação do monumento:

Uma cuidada escavação possibilitou recuperar os alvéolos dos esteios desaparecidos ou arrancados. Se a recuperação gráfica da planta do monumento ainda foi possível, a sua recuperação arquitetónica tornou-se



completamente inviável. Apenas um fragmento de um esteio que se encontrava tombado próximo de um dos alvéolos foi reimplantado. Após a escavação toda a área foi recoberta com terra crivada.

Dólmen da Lomba da Barca - Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

O dólmen da Lomba da Barca apresentava apenas quatro esteios da câmara. Da mamoa ainda eram visíveis vestígios junto ao esteio de cabeceira. Na área do corredor já nada restava.

Recuperação do monumento:

Com o desenvolvimento da escavação foi possível identificar, quer os alvéolos dos esteios da câmara já desaparecidos, quer os do corredor. No interior de um dos alvéolos da câmara ainda se identificou parte de um esteio. Concluída a escavação procedeu-se ao enchimento dos alvéolos com pedra miúda e construiu-se uma pequena parede de pedra seca no interior do monumento para reforço dos esteios. Toda a área escavada foi coberta com terra crivada.

Dólmen do Sobral - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

Este monumento implantado junto à estrada que liga Castelo de Vide a Portalegre apresentava-se rodeado de forte vegetação que o encobria e o chapéu encontrava-se tombado para sul.

Recuperação do monumento:

Embora não tivéssemos procedido à escavação deste monumento desenvolvemos uma curta campanha de limpeza e recuperação arquitetónica. Para além do corte da vegetação que o encobria, com a ajuda de uma máquina recolocámos sobre os esteios o chapéu, conferindo-se assim ao dólmen do Sobral uma imagem que desde há muito havia perdido.

Dólmen da Soalheira – Alter do Chão

Estado do monumento antes da intervenção:

Este monumento encontrava-se coberto por enormes blocos de granito sobre ele depositados durante a construção duma pista para corridas de cavalos. A prévia existência de várias pedras tombada no terreno, isto é, um monumento megalítico parcialmente destruído, estimulou os operadores das máquinas durante a construção da pista de cavalos a servirem-se do mesmo local para depor as pedras que extraíam da obra. Assim, pouco se conseguia observar do monumento antes dos trabalhos de escavação e salvamento.

Recuperação do monumento:

Depois de se proceder à remoção dos blocos de granito recentemente depositados sobre a estrutura funerária iniciámos a necessária escavação do monumento. Rapidamente nos apercebemos que se encontrava muito destruída. Esteios fraturados e tombados misturavam-se com materiais de épocas posteriores. Observou-se que durante a Idade Média e durante o Período Romano o monumento funerário neolítico foi utilizado como espaço de abrigo e profundamente alterado estruturalmente. Concluída a escavação procedemos à colagem de dois esteios da câmara que se encontravam fraturados e também à colagem dum menhir que se encontrava fraturado na área do monumento funerário, provavelmente reutilizado durante a construção do dólmen. Como desconhecíamos o local exato de implantação original do menhir erguemo-lo no interior dum suave abatimento que se encontrava a norte do corredor do espaço funerário. A cobertura da câmara funerária encontrava-se tombada e parcialmente truncada na área envolvente. Perante a existência de apenas dois esteios inteiros na área da câmara tornava-se impossível voltar a colocar a cobertura no seu



local. Assim optámos por montar duas peças metálicas no local onde se situaria o esteio de cabeceira já desaparecido para, conjuntamente com os dois esteios originais poderem suportar e equilibrar as quatro toneladas de peso do chapéu granítico. Toda a área escavada foi preenchida com as terras daí extraídas e, assim, recuperou-se dum monte de pedras informes um singular monumento funerário megalítico e um menhir que se encontravam completamente perdidos.

Dólmen da Horta – Alter do Chão

Estado do monumento antes da intervenção:

O dólmen da Horta apresentava quatro dos seis esteios ainda existentes na área da câmara tombados para o interior. Os dois que ainda se erguiam apresentavam uma inclinação muito acentuada apenas não tinham ainda tombado porque uma velha oliveira que crescia junto ao monumento suportava o peso destas peças graníticas. Da estrutura do corredor já nada restava. A mamoa encontrava-se truncada até à base na face poente para nesse local se preparar um campo de hortas.

Recuperação do monumento:

Os trabalhos efetuados neste monumento destinavam-se originalmente a recuperar arquitetonicamente o dólmen para ser incluído num roteiro turístico. Assim, depois de se ter arrancado a velha oliveira procedemos à escavação integral do monumento para permitir a reimplantação dos esteios tombados nos alvéolos originais. Durante a fase de escavação foi possível recolher um espantoso espólio funerário, sobretudo na área do corredor, mas do qual já não restava nenhuma peça estrutural *in situ*. Os esteios da câmara e corredor foram reimplantados nos alvéolos originais e calçados com os mesmos blocos de granito que há mais de 5000 anos foram utilizados e todo o interior do monumento, até à altura do atual solo, foi preenchido com pedra e terra retirada durante a escavação. Por forma a estabilizar o corte na mamoa construiu-se um muro de pedra seca na face norte que posteriormente foi recoberto com terra. Com os trabalhos desenvolvidos neste monumento foi possível recuperar um importantíssimo espólio que hoje se exhibe em dois museus e reabilitar um monumento megalítico que se encontrava tombado e escondido sob as raízes duma velha oliveira.

Metodologia genérica adotada na escavação e reabilitação de menhires

Os trabalhos de escavação efetuados junto à base dos menhires da Água da Cuba, Carvalhal, Meada, Patalou e Saragonheiros obedeceram, genericamente, a metodologias idênticas. Em qualquer destas ações procurou compreender-se o processo de implantação e de fixação do monólito, a par da recolha de elementos que, de alguma forma, pudessem contribuir para a sua datação. Antes de se efetuar qualquer movimentação de solos, para além do levantamento topográfico e fotográfico e da limpeza por raspagem do coberto vegetal, estabeleceram-se dois eixos ortogonais, orientados nos sentidos Norte - Sul e Este - Oeste, magnéticos, fazendo-se coincidir a sua interseção com uma zona o mais próximo possível da base do monumento. Paralela a estes dois eixos estabeleceu-se uma rede de quadrículas de 2 X 2 metros de lado.

O posicionamento do monólito na interseção dos dois eixos possibilitou que se desenvolvesse a escavação em quadrados alternados, obtendo-se assim vários cortes estratigráficos. Atingindo-se a rocha e registados gráfica e fotograficamente as estratigrafias, iniciava-se a decapagem dos outros quadrados opostos, por unidades estratigráficas. Se o processo inicial de escavação foi idêntico em todos os menhires estudados, o seu desenvolvimento foi já completamente diverso. No menhir da Água da Cuba guardou-se como testemunho o quadrante sudeste, procedendo-se à escavação dos outros três quadrantes até se atingir o



solão, formado por um granito muito alterado. Nas imediações da base deste monólito, e sobre o solão, identificámos alguns blocos de granito, algo rolados, geralmente a uma profundidade que variava entre os setenta e os oitenta centímetros. Estes blocos de origem coluvial e com evidentes sinais de meteorização nada tinham a ver com a implantação do menir.

Na escavação efetuada junto do menir do Carvalhal utilizou-se a mesma metodologia, embora não se tivesse guardado mais reserva que não fosse a metade sul da fossa de implantação. A escavação em toda a área deste monólito justificou-se pela necessidade que tínhamos de confirmar a existência, ou não, de alvéolos ou ortóstatos fraturados nas suas imediações.

Os trabalhos desenvolvidos em torno do menir da Meada decorreram de forma idêntica aos anteriormente descritos. A ação de recuperação programada para este monólito implicou a integral escavação da área envolvente e a desmontagem de toda a estrutura de apoio que se incluía no estreito alvéolo. Numa área de dezasseis metros quadrados em torno do fragmento ainda implantado, extraiu-se toda a terra, ficando a descoberto o solão de base.

No menhir do Patalou, porque se encontrava tombado houve necessidade de se escavar toda zona onde situava o alvéolo mas, mesmo assim preservou-se como testemunho o quadrante sudoeste.

O menhir dos Saragonheiros porque se encontrava incorporado na estrutura do corredor do dólmen com o mesmo nome obrigou a uma escavação integral da área envolvente por forma a avaliar se o seu alvéolo original se encontrava nas imediações, o que não se veio a registar. Vejamos agora, mais pormenorizadamente, os trabalhos desenvolvidos na reabilitação de dois dos menhires mais significativos desta região, o Menhir dos Pombais e o Menhir do Patalou.

Menir da Meada - Castelo de Vide

Estado do monumento antes da intervenção:

O menir encontrava-se fraturado em duas partes. A maior tombada para poente pouco se afastava da parte ainda incluída no alvéolo. Este fragmento, de menores dimensões, apresentava uma ligeira inclinação também para poente. As superfícies de contacto encontravam-se muito deterioradas, quer pela acção dos elementos, quer pela ação do fogo.

Recuperação do monumento:

Constatado que o alvéolo e os calços existentes eram insuficientes para garantir a estabilidade necessária ao equilíbrio de todo o monumento, procedeu-se ao alargamento do alvéolo e à colocação na vertical do fragmento ainda introduzido na fossa de fixação. Este alvéolo foi alargado em cerca de cinquenta centímetros em torno do monólito, construindo-se com cimento, pedra, brita e areia uma sapata suficientemente sólida. Esta estrutura de consolidação atingiu uma altura de 130 centímetros desde a base do menir. Em forma de calote de esfera possui um diâmetro de cerca de 3,20 metros, envolvendo completamente o monumento. Após duas semanas de secagem retomaram-se os trabalhos com a abertura de três furos transversais à base do menir onde se introduziram três barras de aço envolvidas em resina e pó de granito para consolidação de uma linha de fratura. Todas as fissuras foram fechadas com a mesma cola e o mesmo pó de pedra. Consolidada a fratura procedeu-se à preparação das superfícies de contacto. O elevado grau de deterioração da rocha obrigou à extração de uma camada de cerca de dez centímetros em ambas as superfícies. Quando se obtiveram superfícies estáveis abriu-se em cada uma um furo centrado onde se introduziu um cilindro de aço tratado com 4,5 centímetros de diâmetro e 120 centímetros de comprimento. Ao fragmento do menir que se encontrava tombado colou-se, de imediato e com os produtos anteriormente descritos, o *pivot* central. No fragmento *in situ* procedeu-se à abertura de um furo



com o dobro do diâmetro da barra de aço. Esta diferença de diâmetro destinou-se a possibilitar a afinação de acerto no momento da união. Cerca de quinze centímetros abaixo do relevo identificador da glândula pênica que se observa na extremidade do menhir abriram-se quatro furos destinados a receber as garras de amarração para levantamento do bloco de granito que se encontrava tombado. A união dos dois fragmentos que começou a ser preparada desde o dia 14 de Junho de 1993 efetivou-se, unicamente, no dia 25 de Setembro, com o auxílio de duas máquinas cedidas por uma pedreira local. Ao fim de várias tentativas foi possível erguer a parte superior e uni-la à restante através, mais vez, de resina que envolveu o pivot central e os calços de granito que entre as duas partes foi necessário colocar para estabelecer o equilíbrio de todo o conjunto. Cinco garras de aço embutidas na face exterior reforçaram a união. Algum cimento, cola de pedra e pequenos blocos de granito possibilitaram o enchimento necessário para a recomposição do menhir e ganhar o perfil mais próximo do original. Conseguiu-se, assim, recuperar o maior menhir da Península Ibérica e o primeiro a ser datado.

Menhir dos Patalou – Nisa

Estado do monumento antes da intervenção:

O menhir do Patalou encontrava-se tombado numa suave encosta virada a Este. Com quatro metros de comprimento este bloco granítico de forma assumidamente fálica apresentava na superfície superior vestígios de quatro covinhas. Junto ao menhir ergue-se uma jovem sobreira.

Recuperação do monumento:

Em colaboração com o Município de Nisa programou-se um projeto de reimplantação deste menhir tendo como principal objetivo a sua fruição pública. Paralelamente, importava identificar eventuais materiais datáveis que nos ajudassem a posicionar cronometricamente a ereção do monólito e perceber a técnica de implantação no terreno. Mais uma vez procurou-se deixar uma reserva científica o que nos levou a escavar apenas três quadrantes determinados pela interceção dos dois eixos ortogonais organizadores da escavação que se cruzavam junto à base do menhir. Durante a escavação foi possível identificar uma lamela em sílex e um bloco de corneana naturalmente afeiçãoada que serviu para escavar originalmente o alvéolo de fixação do menhir. Também no fundo do alvéolo em condições excepcionais de conservação, numa concentração de argila com que foi estabilizado o menhir recolheu-se uma pequena porção de madeira carbonizada que submetida a datação resultou na idade de: Cal BP 6290 a 6185, data que veio confirmar a anteriormente obtida para o Menhir da Meada de: Cal BP 6960 a 6760. Estas datações únicas para este tipo de monumentos, vieram confirmar o que há já alguns anos se considerava como aceitável que era a muito maior anterioridade dos menhires isolados em relação aos dólmenes. Efetuada a escavação havia que reerguer o menhir no alvéolo original. Contudo, porque o solo atual apresenta uma potência significativamente inferior ao que existiria nos inícios do 5º milénio antes de Cristo, haveria que aprofundar e, por esse motivo destruir o registo do alvéolo original para se obter uma fossa que sustentasse de pé e em segurança os 4 metros de altura deste menhir. Por outro lado, junto ao alvéolo original encontra-se uma sobreira cujas raízes invadiram toda a área. Para reerguermos o menhir no mesmo local seríamos obrigados a abater a árvore que é uma das espécies protegidas pela lei portuguesa. Assim, para evitar a destruição do alvéolo original e o abate da sobreira, optámos por reerguer o menhir a seis metros para norte do local original, colocando-se nesse sítio um pequeno marco granítico que informa o posicionamento primitivo do monumento. Para a reimplantação do menhir procedeu-se à abertura duma fossa com 80 centímetros de profundidade, que corresponde à extensão da porção do monólito que originalmente estava inclusa na terra e que nos foi possível detetar pela análise do desgaste da superfície



do menhir que estava em contacto como o solo. Durante a escavação percebemos que para a fixação original do menhir apenas foi utilizada, no interior do alvéolo argila compactada sem recurso a qualquer calço de pedra. Assim, na nova reimplantação socorremo-nos apenas de pó de pedra recolhido numa pedreira próxima, compactado com auxílio de água. Ficou, assim, reerguido o Menhir do Patalou, junto do qual se montou um painel explicativo para informação de todos os que quiserem visitar o monumento.

CONCLUSÃO

A diversidade de situações em que se encontram os monumentos contribuiu para que não se tivesse recorrido a uma única metodologia de escavação. A melhoria do equipamento, a nossa crescente experiência e a problematização das situações decorrentes das diversas ações contribuíram também para que diferentes formas de abordagem dos monumentos fossem ensaiadas. Procurou-se, acima de tudo, recolher o maior número de informações evitando colocar em perigo a estabilidade arquitetónica. Na recuperação das sepulturas megalíticas procuraram-se sempre soluções reversíveis. Nunca se utilizaram materiais exógenos. Constatou-se que a recuperação dos monumentos afetados pela plantação de eucaliptos só muito parcialmente é possível efetuar. Como causas para essa dificuldade encontramos o elevado grau de destruição das mamoadas e fratura dos esteios e a fragilidade do xisto em que foram talhados. O recurso à construção de muros de pedra seca foi o processo mais utilizado na recuperação dos alçados originais. Se excetuarmos o Dólmen do Sobral em mais nenhum caso foi possível proceder à colocação da cobertura sobre os esteios da câmara sem recurso a escavação prévia. Este facto ficou-se a dever, não tanto à dificuldade de os elevar, mas às diferentes alturas que hoje os esteios apresentam, sendo necessário, na maioria das vezes proceder à sua reimplantação e isso só é possível com recurso à escavação integral do monumento. A recuperação de falhas nas mamoadas só foi executada em monumentos onde conhecíamos a técnica utilizada. Procurou-se, naturalmente, evitar a implantação de esteios em alvéolos aos quais não tivéssemos a certeza de pertencerem. Preferimos manter tombados os elementos líticos de um dólmen a inventar um novo monumento.

A recuperação dos menhires implicou, como vimos, estratégias diferentes. O da Meada foi o que obrigou a uma metodologia mais intrusiva, mas a sua grande volumetria e sobretudo o estado de fissuração dos granitos obrigou-nos a utilizar técnicas de colagem e fixação que dificilmente serão reversíveis. Pelo contrário, no menhir do Patalou tudo foi preservado, desde a fossa de implantação original à técnica de implantação.

Ao longo de quase quarenta anos de direção de trabalhos arqueológicos maioritariamente dedicados ao megalitismo procurámos sempre apreender o máximo de informação possível durante a fase de escavação mas, paralelamente, nunca descurámos a obrigatória necessidade de consolidar ou reabilitar os monumentos objeto de estudo, sacrificando, muitas vezes mais tempo e dinheiro com essas ações do que com a investigação propriamente dita.

BIBLIOGRAFIA

- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985); Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das Ias. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- BUENO, Primitiva (1988); Los Dolmenes de Valencia de Alcantara, *Excavaciones Arqueológicas en España* nº155, Ministerio de Cultura, Madrid.

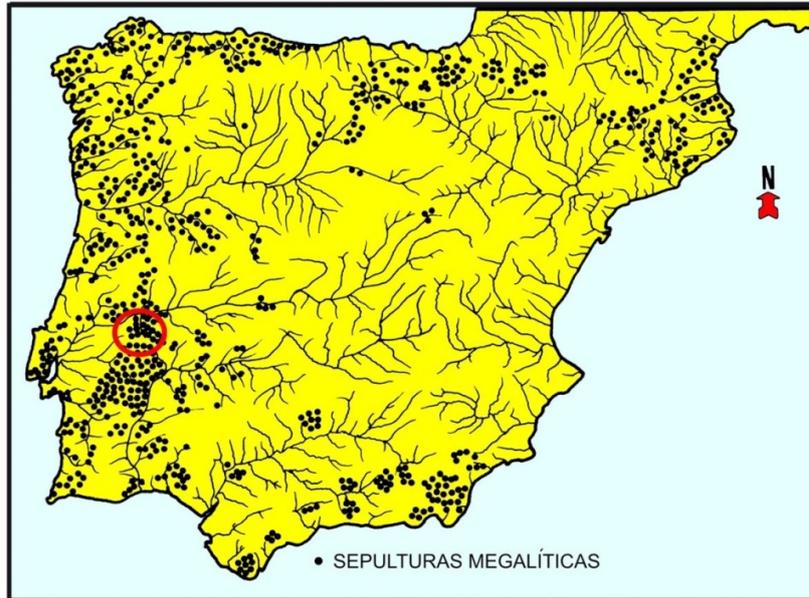


- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembléa Distrital de Portalegre, Portalegre.
- LEISNER, George e Vera (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (2)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1965); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel. Der Westen (3)*, Walter de Gruyter, Berlin.
- Oliveira, Jorge de; Dias, Ana C. (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Edição da Assembleia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- Oliveira, Jorge de (1995); *Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres* - Edición del Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.
- Oliveira, Jorge de (1997); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, 1º Vol. - edição bi-lingue, patrocinada pelas Câmaras de Marvão, C. de Vide, Nisa, V. de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo e pela Delegação Regional do Ministério da Cultura, Ed. Colibri, Lisboa.
- Oliveira, Jorge de (2006); *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*, Ed. Colibri / Universidade de Évora, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge de; PARREIRA, João; PEREIRA, Sérgio (2007); *Nova Carta Arqueológica de Marvão*, Nº. especial da *Ibn Maruán*, Ed. C.M.de Marvão / Ed. Colibri.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); “Territórios e Variabilidade Megalítica no Nordeste Alentejano”, *Actas do 1º Encontro - Transformação e Mudança*, UNIARQ, Cascais-Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge (1993); “Reutilizações e Reaproveitamentos de Materiais em Sepulturas Megalíticas do Nordeste Alentejano”, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. I, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); “Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever”, *Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Zamora.
- OLIVEIRA, Jorge (1996); “As pequenas antas de Montalvão e Cedillo”, *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo de Monsaraz*, C.M. de Reguengos de Monsaraz e UNIARQ, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge; OLIVEIRA, Clara (1999); “Continuidade e Rupturas do Megalitismo no Distrito de Portalegre”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge (1999); “Economia e Sociedade dos Construtores de Megálitos da Bacia do Sever”, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol III, ADECAP, Porto.
- OLIVEIRA, Jorge de (2001); “O Megalitismo de Xisto da Bacia do Sever Montalvão – Cedillo”, *Muitas antas pouca gente?*, *Trabalhos de Arqueologia* 16, IPA, Lisboa.2001
- OLIVEIRA, Jorge de (2003); “A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano”, *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, (ed. electrónica).
- OLIVEIRA, Jorge de; Moitas, E; OLIVEIRA, Clara (2007); “Monumentos Megalíticos do Concelho de Arronches”, *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); “Coudelaria de Alter – 3 anos de trabalhos arqueológicos”, *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de; RIBEIRO, Margarida; PINTO, Mário (2007); “Património Arqueológico em Nisa - Revisão do PDM”, *Actas das 3as. Jornadas de Arqueologia do Norte-Alentejano*. (no prelo)
- OLIVEIRA, Jorge de (2007); *The Tombs of the Neolithic Artist-Shepherds of the Tagus Valley*, *Actas da I Reunión de Estudios sobre la prehistoria reciente en el Tajo internacional*, BAR nº S 1765.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Carmen; SARANTOPOULOS, Panagiotis (1994); “Antas-Capelas e Capelas junto a antas em Portugal”, *A Cidade de Évora*, nº1 (Nova Série) Câmara Municipal de Évora.
- OLIVEIRA, Jorge de (1995); “A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide”, *Ibn Maruán*, n.º 5, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (1998); “Antas e Menires do Concelho de Marvão”, *Ibn Maruán*, n.º 8, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de (2000); “A Anta II de S. Gens – Nisa”, *Ibn Maruán*, n.º 9/10, Câmara Municipal de Marvão.



- OLIVEIRA, Jorge de (2000); “A Anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide”, *Ibn Maruán*, n.º 9/10, Câmara Municipal de Marvão.
- OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (2000); “Menires do Distrito de Portalegre, *Extremadura Arqueológica*”, Número Especial de Homenagem a Elias Diegués, Cáceres.
Coureiros, (brochura de informação turística), C.M. de Castelo de Vide.
- PONTIS, Grupo (1999); *Carta Arqueológica da Ponte de Sôr*, C.M. da P. de Sôr.
- PROENÇA, F.Tavares de (1910); Antas do distrito de Portalegre, *Materiaes para o Estudo das Antiguidades Portuguezas*, Anno I, Nº1, Typographia Leiriense, Leiria.
- RODRIGUES, M. da C. Monteiro (1975); *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.
- VIANA, A. (1950); Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 12, Porto.
- VIANA, A. e DEUS, A.Dias (1953); Exploración de Algunos Dólmenes de la Región de Elvas, Portugal, *Congresso Luso-espanhol para o Progresso das ciências*, 13º, Lisboa.
- Idem (1956); *Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*, Beja
- Idem (1955-57); Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, Porto.
- Idem (1957); Mais Alguns Dólmenes da Região de Elvas (Portugal), *IV Congresso Arqueológico Nacional*, Zaragoza.





Mapa Megalítico da Península Ibérica com localização dos monumentos referidos no texto



Dólmen da Soalheira antes dos trabalhos



Dólmen da Soalheira - colagem de monólitos



Dólmen e menhir da Soalheira após a recuperação



Dólmen da Soalheira ao pôr do Sol





Dólmen da Horta antes da recuperação



Dólmen da Horta em fase escavação



Dólmen da Horta em fase de estabilização



Dólmen da Horta após a recuperação



Dólmen da Cabeçada antes da recuperação



Dólmen da Cabeçada após a recuperação



Dólmen da Figueira Branca em fase de recuperação



Dólmen da Figueira Branca após a recuperação





Recuperação do Dólmen do Sobral



Recuperação do Dólmen do Sobral



Menhir da Meada antes da recuperação



Menhir da Meada em fase de escavação



Menhir da Meada com indentificação da fossa de implantação



Menhir da Meada - construção da base em cimento



Menhir da Meada em fase de montagem



Menhir da Meada após a recuperação

